

NA PARAÍBA

# Universidades acolhem estudantes estrangeiros

*Programas de intercâmbio permitem o acesso à graduação de qualidade no país*

Maria Beatriz Oliveira  
obeatriz394@gmail.com

O Brasil destaca-se como destino acadêmico para estudantes estrangeiros, atraídos, principalmente, pela oferta de Ensino Superior público, gratuito e de qualidade. Na Paraíba, diversas iniciativas têm contribuído para a vinda desses estudantes, especialmente de países africanos, para cursarem graduação no estado. Entre elas, destaca-se o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) que envolve as seis Instituições de Ensino Superior (IES) paraibanas, incluindo o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Criado pelo Ministério da Educação (MEC) na década de 1960, o PEC-G tem como objetivo oferecer a jovens de países em desenvolvimento — com os quais o Brasil mantém acordos educacionais, culturais ou científico-tecnológicos — a oportunidade de cursar a graduação, gratuitamente, em universidades públicas brasileiras.

“As inscrições para o PEC-G são realizadas nas embaixadas e consulados do Brasil nos países participantes. A seleção dos candidatos é feita pelo MEC. Após aprovados, os estudantes iniciam sua jornada no Brasil por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira [PEC-PLE], que oferece um curso presencial de Língua Portuguesa com duração de um ano. Ao fim desse período, os estudantes realizam o Celpe-Bras [Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros], exame oficial de proficiência em português. Aqueles que forem aprovados estão aptos a ingressar em cursos de graduação nas IES brasileiras”, detalhou Márcia Leite, secretária da Assessoria de Assuntos Internacionais da UFCG.

Atualmente, a universidade



Foto: Reprodução/Instagram @Clipe\_IFPB

Neste ano, o IFPB recebeu 24 estudantes estrangeiros para curso de Língua Portuguesa

de federal campinense acolhe 23 estudantes vinculados ao PEC-PLE e 72 estudantes internacionais de graduação vinculados ao PEC-G, matriculados nos mais diversos cursos de graduação da instituição, como Administração, Ciência da Computação, Direito, Economia, Enfermagem, Engenharia Agrícola, Farmácia, Medicina e Medicina Veterinária.

“Em sua maioria, os estudantes internacionais são oriundos de países da África e da América Latina, como Angola, Benim, Cabo Verde, Congo, Gabão, Guiné-Bissau, Haiti, Honduras, Moçambique e Peru. A UFCG considera o PEC uma ação estratégica para a internacionalização institucional, pois o programa promove a colaboração e a integração entre países em desenvolvimento”, destacou Márcia.

Já o IFPB recebeu, desde 2020, cerca de 80 estudantes no Curso de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira para Estrangeiros (Clipe). O curso tem caráter preparatório e é fundamental para que os alunos atinjam a proficiência exigida por meio do exame Celpe-Bras, etapa necessária para o ingresso em cursos de graduação no Brasil. Somente em 2025, 24 estudantes iniciaram as aulas, nos *campi* de João Pessoa e Campina Grande — a Rainha da Borborema, aliás, teve, neste ano, sua primeira turma.

Segundo Mônica Montene-

gro, coordenadora da Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais (Arinter) do IFPB, os participantes são estudantes dos programas governamentais PEC-G e PEC-PLE. “Nosso foco maior tem sido os países africanos, como República do Congo, Nigéria, Quênia, Gana, Senegal e Gabão. Mas também recebemos alunos de outras regiões, como o Haiti e a Jamaica, na América Central e Caribe, além da Colômbia e da Índia”, explicou.

## UEPB

Na UEPB, a maior parte dos estudantes estrangeiros é originária de Angola. No entanto, o Programa Move La América, desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atrai estudantes de mestrado e doutorado (do tipo sanduíche) de instituições da América Latina e do Caribe, para realizarem estágios acadêmicos de curta duração em universidades brasileiras. Durante a experiência, que pode ter duração de dois e seis meses, os estudantes podem realizar atividades de pesquisa, extensão e cursar disciplinas de pós-graduação brasileiras. O programa oferece suporte financeiro, incluindo auxílio mensal, passagens, instalação e seguro-saúde.

No último ano, a UEPB ofertou 68 vagas para estudantes estrangeiros por meio do Programa Move La América. Ao todo, 13 cursos da ins-

tituição participaram da ação, com destaque para as áreas de Relações Internacionais e Arquivologia.

Segundo o coordenador de Relações Internacionais da UEPB, professor Cláudio Lucena, o Move La América já se consolidou como um programa fixo dentro da instituição. Neste semestre, 10 estudantes de pós-graduação, vindos de diversos países da América Latina, estão participando das atividades acadêmicas na UEPB.

“Além desse programa permanente, a universidade também participa de outras iniciativas esporádicas, como o Pila Virtual, que é uma rede de intercâmbio entre universidades latino-americanas que surgiu durante a pandemia, com atividades exclusivamente *on-line*. A expectativa é que a gente comece a receber alguns desses estudantes também presencialmente, a partir de agora. Fora esses programas, a UEPB mantém convênios bilaterais regulares com mais de 30 instituições latino-americanas”, esclareceu Lucena.

Já por meio do PEC-G, a UEPB abriu, na última segunda-feira (21), as inscrições para ingresso em 2026. Entre os cursos oferecidos, estão Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Relações Internacionais e Serviço Social. Mais de 20 vagas estão disponíveis, distribuídas pelos *campi* de Campina Grande, João Pessoa e Araruna.

William Costa

wpcosta.2007@gmail.com

## Os baús do futuro

Após analisar os exames, o oftalmologista, de olhos meio esbugalhados, devido talvez aos óculos de aro grosso — que não sugerem estilo, mas uma forte miopia —, não faz rodeio e me diz que o glaucoma avançou a galope e que eu posso perder a vista em um ano. Agora quem arregalou os olhos fui eu. “Cego, doutor? E o que eu vou fazer com os livros que encaixotei, para ler quando me aposentar?” — indaguei, sorrindo.

O doutor franziu a testa, e não riu do que parecia ser uma brincadeira — ler e restaurar livros faz parte dos meus planos para a suposta inatividade. Continuou muito sério, explicando em detalhes o diagnóstico: “Pressão intraocular alta e contínua, sério comprometimento do nervo ótico... Enfim, um quadro irreversível que demanda muito cuidado, para que sua vista tenha uma

sobrevida, pelo menos até o ano que vem”.

Pensei em perguntar quanto custava uma bengala, mas a sisudez do médico inibiu meu senso de humor. Lembrei-me então de Otto de Sousa, revisor do setor de Imprensa Braille, aqui de A União, cuja deficiência visual congênita parece-me que o tornou ainda mais capaz, do ponto de vista profissional, e humano, e humano, e humano. Otto certamente me daria excelentes orientações para

lidar com a cegueira anunciada.

Confesso que fiquei meio desanimado. Sou fascinado pelo que chamo de “dia natural”, para compensar as desarmonias do “dia social”. Adoro a mutação de cores e sons do amanhecer — o bailado das árvores, os matizes, cantos e voos dos pássaros, a toada da chuva, o solo de bateria das trovoadas, o deslizar silencioso das nuvens e a trajetória sossegada da Lua. Breve, o filme do mundo não teria imagens, apenas a trilha sonora da vida.

Ao sair do consultório, porém, recuperei o bom-humor. Exonerei, então, o desespero e readmiti a esperança. Viajei em seguida até o Recife e consultei-me com duas grandes referências da Oftalmologia. A primeira era também poeta, e fez do meu caso um belo verso, que me comoveu, mas não me convenceu. A segunda era pura alopatia, e, novamente, assaltou-me a antevisão de andejar pelo mundo amparado num cajado.

De volta, procurei dois novos especialistas — de ótimas recomendações e preços que, aí sim, quase me custaram os olhos da cara —, e os desfechos mais uma vez foram opostos: um, viu-me perscrutando do fundo do oceano aos confins do universo, e o outro prescreveu a ressurreição futura de Homero, John Milton ou Jorge Luis Borges, em terra tabajara. Em casa, tal qual “O pensador”, de Rodin, olhava, desolado, para as caixas de livros.

Foi aí que decidi me aquietar e tornar à antiga oculista, com a qual tive uma conversa franca acerca das consultas anteriores. “O caso é grave, mas sem bordão à vista”, resumiu, e acrescentou, à terapia passada, uma moderna e barata intervenção a laser. Do bolso, a carteira piscou o olho. Voltei a contentar-me com a luz do dia, sem ligar para o que me reserva a noite, lendo quando posso um livro como se fosse um dos baús do futuro.

## Engenheiro haitiano formou-se na UFCG

Bertini Antoine, natural do Haiti, escolheu Campina Grande para realizar o sonho de cursar Engenharia Civil na UFCG. Formado em 2023, ele segue atuando como engenheiro na cidade. Ao lembrar sua trajetória como estudante estrangeiro, o haitiano destaca que o principal desafio foi a adaptação ao idioma português.

“Desde jovem, sempre quis fazer a graduação fora do Haiti, porque lá existe a ideia de que quem estuda fora é mais valorizado no mercado de trabalho ao voltar. Eu já gostava de construção, então me via nessa área”, conta. O sonho dele é, um dia, retornar para ajudar a reconstruir o país, que sofreu um terremoto devastador em 2010, responsável pela destruição

de grande parte da capital e das cidades metropolitanas.

A adaptação de Bertini ao Brasil, porém, não foi fácil. “Quando cheguei, o maior obstáculo foi não falar o idioma, o que cria um bloqueio na comunicação”, relata. Apesar disso, ele teve uma recepção positiva. “Fui muito bem recebido e os colegas me ajudavam muito, principalmente no início, quando eu não entendia bem as aulas. Eles explicavam depois e me ajudavam a fazer as tarefas. Isso fez toda a diferença para mim”, avalia o engenheiro.

Após concluir a graduação, Bertini passou a enxergar a Paraíba e o Brasil de uma forma diferente. Ele destaca que o que mais gostou na experiência foi a pluralidade cultural encontrada.



Foto: Arquivo pessoal

Bertini Antoine sonha em exercer sua profissão no Haiti

“Hoje, eu tenho outra visão do Brasil. Posso dizer que conheci o país. A diversidade aqui é maravilhosa, assim como a cultura, a comida e, principalmente, as pessoas do Nordeste e da Paraíba, que são muito receptivas.

Isso é algo realmente maravilhoso”, celebra. No entanto, o engenheiro também não deixa de apontar os desafios que enfrentou. “O que eu menos gostei foi o preconceito. O racismo aqui é mais pronunciado,” lamenta.